

UM



Diz-se que cinco bagas de beladona são suficientes para matar alguém.

Apenas cinco doces bagas, comidas diretamente da folhagem. Ou, como Signa Farrow preferia, esmagadas e infundidas numa chávena de chá.

As suas sobrancelhas escuras reluziam de suor enquanto se debruçava sobre a fumegante caneca de cobre, inalando os vapores. Seria com certeza mais fácil comer as bagas, mas estava ainda a aprender os efeitos que a beladona tinha no seu corpo, e a última coisa que queria era que a tia Magda a encontrasse desmaiada no jardim com a língua de um púrpura intenso.

Não outra vez, em todo o caso.

Signa já não via o Ceifeiro há várias semanas. Só um último suspiro o fazia sair do esconderijo, e nunca partia de mãos vazias. Pelo menos, assim devia ser. Mas Signa Farrow era uma rapariga que não podia morrer.

Da primeira vez que se lembrava de ter visto o Ceifeiro, tinha cinco anos e caíra das escadas de casa da avó. O seu pescoço partira-se e estava torto enquanto ela o olhava de lado a partir do chão frio. Entendia vagamente que não era suposto o seu corpo jovem resistir, e perguntou-se se ele estava ali para a levar. Mas ele nada disse, vendo como os seus ossos

voltavam ao sítio, e desaparecendo depois de Signa recuperar de uma queda que a devia ter matado.

Decorreram cinco anos até voltar a ver a Morte. Da cabeceira da avó, vira-o pegar na mão da mulher e soltar o seu espírito do corpo. Há meses que estava doente e, sorrindo, deu um beijo na testa de Signa antes de deixar que a Morte a guiasse a um tranquilo além.

Signa implorou à Morte que regressasse. Que lhe trouxesse a avó de volta enquanto agarrava a mão do cadáver e chorava até não restar nada no seu interior. Mais ninguém o conseguia ver ou aos espíritos que guiava, e perguntou-se se aquilo era culpa sua, por ser a rapariga que podia ver a Morte.

Não se lembrava de quanto tempo ficara naquela casa até alguém sentir o cheiro do cadáver e encontrar Signa, de cabelo embaraçado e roupa por lavar, enroscada junto à cama da avó. Tinham-na levado da casa, encaminhando-a para o primeiro dos muitos novos guardiões que estavam para vir.

Levou os anos seguintes a testar as suas estranhas capacidades. Picou o dedo num espinho e viu o sangue borbulhar e depois desaparecer, como se a pele nunca tivesse sido danificada. Daí, as experiências passaram por saltar de pedras suficientemente altas de modo a partir ossos ao cair. Signa deu-se conta de que sentia apenas um estalido abrupto e, ao fim de poucos minutos, estava pronta para um passeio junto à falésia.

Mas as bagas de beladona não deviam ser uma experiência, apenas algo que apanhara do jardim mal-amanhado da tia após a sua chegada, vários meses antes, pensando tratar-se de mirtilos silvestres. Não fazia ideia de que eram venenosas até cair sobre as ervas daninhas, com a vista toldada. A Morte apareceu então, observando-a de trás da curva de um carvalho. Mesmo que não tivesse recuperado demasiado depressa para lhe falar, Signa estaria distraída com a tia Magda, que a encontrou a apertar beladona nas mãos, com a boca manchada de púrpura. A mulher quase teve um ataque cardíaco quando Signa se levantou repentinamente, o veneno eliminado do seu organismo em poucos minutos.

Signa aprendera algo nesse dia — como fazer a Morte sair das sombras. E, com esse conhecimento, recusava-se a deixá-lo esconder-se por mais um momento.

Levou o chá aos lábios, mas a língua só roçou o vapor quente antes de a caneca de cobre lhe ser derrubada das mãos. Ergueu-se do precário banco de madeira em que estava empoleirada enquanto a caneca tinha no chão e o chá violeta se derramava sobre a gasta pedra cinzenta da cozinha.

Signa virou-se e viu a tia de cenho franzido. Era uma expressão que usava com frequência. Porém, se alguém olhasse com mais atenção, veria que o seu fino lábio inferior e as mãos coriáceas tremiam na presença de Signa. Veria pupilas dilatadas e uma fina película de suor na testa enrugada.

— Achas que não sei o que tramas, filha do demónio? — A tia tomou a caneca nas mãos. Farejou-a e espreitou para o interior, franzindo o sobrolho à papa de bagas. — Rapariga imunda, a fazer o trabalho do diabo!

A tia Magda atirou a caneca a Signa, que recuou, mas foi atingida no ombro. Restava líquido suficiente para a queimar, e para o suco púrpura das bagas manchar o seu casaco cinzento favorito.

— Avisei-te do que aconteceria se trouxesses essa bruxaria para minha casa.

Signa ignorou a sua pele abrasada e olhou a tia nos olhos.

— Era chá. — O seu tom firme poderia levar a acreditar que dizia a verdade. Mas, infelizmente, Magda sabia. Julgava-se uma mulher demasiado esperta e devota para ser enganada por uma «bruxa».

Não que Signa acreditasse que era bruxa, claro. Embora amasse a botânica e desejasse saber alguns feitiços. Como seria maravilhoso ter um feitiço para limpar o pó àquele casinhoto, ou para comer algo mais do que pão sedição e o que quer que conseguisse inventar para cozinhar com os escassos ingredientes que Magda lhe deixava.

— Arruma as tuas coisas — atirou a tia, enquanto uma corrente de ar outonal silvava por uma fenda na janela da cozinha. Apertou bem o casaco contra o corpo frágil. Tinha a pele a ficar cinzenta e, a cada pouco tempo, o seu peito era sacudido por uma tosse húmida e entrecortada. Houve um momento em que Signa olhou além de Magda, para as sombras, a fim de ver se a Morte ia aparecer para reclamar a tia, como temia desde que aquela tosse começara, uma semana antes. — Esta noite dormes no telheiro. — As palavras foram ditas com tal frieza que as

entranhas de Signa mirraram, e lastimou o infortúnio de ter sido acolhida por aquela mulher horrível. Era uma pena que tivesse tão poucas alternativas.

Devido à herança que ia receber no seu vigésimo aniversário, e à pensão que os cuidadores recebiam dela, Signa tinha em tempos sido disputada por potenciais guardiões. A avó ganhara a primeira guerra, não por ganância, mas por amor. Após a sua morte, Signa foi enviada para casa do irmão da mãe — um jovem e saudável banqueiro com um belo património e uma frutuosa vida amorosa. Embora a deixasse muitas vezes entregue a si mesma, Signa não desprezava os seus anos com ele. Tivera até uma amiga para lhe fazer companhia em brincadeiras pelos bosques e missões de espionagem pela vizinhança — Charlotte Killinger.

A vida amorosa do tio revelou-se *demasiado* frutuosa, no entanto — aos trinta anos, morreu de uma doença que contraíra de uma das muitas parceiras. Signa esperava ser acolhida pela família de Charlotte depois disso, mas descobriu que a mãe da sua amiga falecera da mesma doença. Esse escândalo foi o fim da amizade das raparigas, e Signa não recebera sequer uma carta de Charlotte.

Signa tinha doze anos quando os rumores começaram, agravados quando o seu terceiro guardião morreu num trágico acidente de carruagem a caminho de a ir buscar, e depois o quarto se afogou na banheira após um sedativo e demasiado álcool. *A criança está amaldiçoada pela Morte*, diziam alguns. É a mais perversa das bruxas, gerada pelo próprio diabo. Onde quer que vá, o *Cefeiro segui-la-á*. Signa nunca dizia uma palavra para os dissuadir, pois não tinha a certeza de que estivessem errados.

Fingia não ver os espíritos por que passava nas ruas ou com os quais seguia até casa, na esperança de que, se não interagisse, talvez um dia eles desaparecessem por completo. Infelizmente, ignorar os espíritos não era assim tão fácil. Às vezes, julgava que sabiam que ela se escondia deles e faziam ainda pior, uivando pela casa ou assombrando espelhos, a tentar apanhar Signa de surpresa e assustada com as suas travessuras.

Felizmente, não havia espíritos a viver em casa de Magda, embora isso não melhorasse muito a situação de Signa. A tia perdia-se em salões

de jogo durante dias seguidos, regressando sempre de bolsos vazios. Não se preocupava com tolices como manter a cozinha abastecida ou garantir que Signa podia respirar em condições no casinhoto poeirento que afirmava ser um lar, e só lhe interessava a pensão que hospedar Signa lhe proporcionava.

Signa entendia que a tia a temesse — esperava-o, até —, mas dava-lhe uma vida miserável. A poucos meses de completar vinte anos, em breve poderia reclamar a herança e construir finalmente uma casa própria. Cheia de luz e calor e, mais importante, de *pessoas*. Desfilaria num vestido lindo, captando os olhares de uma dúzia de bem-parecidos pretendentes que lhe proclamariam o seu amor. E Signa nunca mais voltaria a estar só.

Mas, para reivindicar esse futuro, tinha de enfrentar a Morte. Nessa noite, de preferência, antes que ele reclamasse outro guardião e a condenasse ainda mais.

— Faz a mala, rapariga — exigiu de novo a tia Magda, as suas mãos ossudas a tremer. — Não te quero em minha casa esta noite.

Parando apenas para apanhar a caneca do chão e examinar a mais recente amolgadela no cobre, Signa saiu apressadamente da cozinha. A instável escadaria de madeira gemeu enquanto a subia, tentando pensar apenas em como o chão rangia, parecendo ofendido com o peso dos seus passos, e na sujidade que cobria a casa do soalho ao telhado escarpado. Tentou pensar na aranha que vivia numa teia circular bem conservada a um canto do teto, fora do alcance, mas à vista. Tudo para afastar os pensamentos sombrios — de que havia algo de terrivelmente errado com ela. De que era um monstro. De que tudo e todos ficariam melhor se ao menos fosse normal.

Magda acreditava que Signa trazia o diabo dentro da própria alma, e talvez fosse verdade. Talvez o diabo estivesse *mesmo* confortavelmente aninhado no seu interior, e por isso era impossível morrer. Em todo o caso, essa ideia não mudava o que sabia que tinha de fazer.

A tosse da tia Magda ecoou pela casa, e Signa apressou-se. No seu minúsculo quarto no sótão, empurrou a arca em direção à porta para impedir que alguém pudesse entrar facilmente e regressou em bicos de pés ao centro da divisão. Recolhendo as suas saias, sentou-se no chão

e tirou o casaco, extraindo as bagas de beladona de um bolso. Pô-las à frente e retirou de um segundo bolso uma ferrugenta faca de cozinha, embrulhando o cabo manchado nas dobras das saias para fácil acesso. Escolheu cinco bagas e, sem saber porquê, alisou as madeixas negras e ajeitou o colarinho para se certificar de que estava apresentável antes de deixar a sua doçura explodir-lhe na língua.

O veneno começou-lhe no peito, como se alguém a tivesse queimado com um ferro em brasa e lhe tivesse agarrado os pulmões. A pele era uma torneira vazante, grossas gotas de suor a jorrar-lhe dos poros. Signa agitou-se enquanto a bÍlis lhe queimava a garganta, fechando os olhos contra as sombras que a invadiam e projetavam estranhas alucinações.

Passados meros instantes, já os efeitos da beladona esmoreciam — aquela dose devia matar uma pessoa, mas Signa podia recuperar em minutos. Precisava, porém, de se manter no momento o máximo de tempo possível, pois era aquilo que procurava; a oportunidade de perseguir o Ceifeiro e de o travar de vez.

Finalmente, o gelo espalhou-se pelas suas veias. Era uma presença familiar que a queimava a partir de dentro e exigia ser reconhecida. Signa abriu os olhos e a Morte estava ali, à sua frente.

A observar.

À espera.

A sua presença era inebriante e familiar, e apanhou-a de surpresa, como sempre fazia — sombras contorcidas moldadas na vaga forma de ser humano. Tão negras e desprovidas de luz que era doloroso fitá-lo. Ainda assim, era tudo o que podia fazer. O que sempre podia fazer. Sentia-se atraída como uma traça por uma chama. E o mesmo sentia ele, aparentemente, em relação a si.

A Morte não aguardava já à distância, mas debruçado sobre ela como um abutre diante da presa, as sombras a dançar em redor. Signa olhou para o infinito abismo de trevas e, apesar de sentir os olhos a arder, recusou-se a desviar o olhar.

— Preferia que não me invocasses sempre que a vontade te atinge. — A voz não era o que esperava. Nem gelo nem saibro, mas o som de água num prado, deslizando sobre a sua pele e convidando-a para um mergulho noturno. — Sou um homem ocupado, sabes?

Signa immobilizou-se, sem fôlego. Esperara mais de dezanove anos para ouvir a voz da Morte — e eram aquelas as suas primeiras palavras? Cerrou os dedos sobre o punho da faca e franziu o sobrolho.

— Se a tua intenção é arruinar-me a vida, é tempo de me dizeres porquê.

A Morte recuou e, ao fazê-lo, o calor invadiu-a, mordendo-lhe os dedos entorpecidos. Nem se apercebera de que estava com frio.

— Achas que é isso que estou a fazer, Signa? — A incredulidade da voz refletia a sua. — A arruinar-te a vida?

Havia algo de preocupante naquelas palavras. Algo excessivamente familiar que lhe causou calafrios.

— Não digas o meu nome — protestou. — Na língua da Morte, soa como maldição.

Ele riu-se. Era um som grave e melódico, e fez com que as suas sombras se contorcessem.

— O teu nome não é nenhuma maldição, Passarinho. Gosto apenas do seu sabor.

Eram estranhas as coisas que o riso lhe fazia. Embora tivesse passado anos a construir as suas palavras para aquele momento, Signa descobria agora que não tinha nenhuma. E se tivesse, de que adiantava? Não se podia deixar influenciar por palavras curiosas — não quando as suas ações quase lhe haviam arruinado a vida, despojando-a de todos os amigos, guardiões e lares. E assim, não se permitiu pensar por mais tempo; era hora de descobrir alguma fraqueza da Morte.

Com as mãos trémulas, apertou bem a faca, combatendo o peso nos membros para reunir todas as forças que fosse capaz de invocar. E então desferiu-lhe um golpe certo no peito.